

A representação da beleza e do grotesco em *Penthesilea*

Carina Zanelato Silva¹

Titel: Die Darstellung der Schönheit und der Groteske in *Penthesilea*

Title: The representation of beauty and grotesque in *Penthesilea*

Palavras-chave: beleza – grotesco – Heinrich von Kleist

Schlüsselwörter: Schönheit – Groteske – Heinrich von Kleist

Key-words: Beauty – Grotesque – Heinrich von Kleist

A proposta de Friedrich Schlegel de uma nova mitologia que dê embasamento à poesia romântica já estabelece as diferenças entre a visão da Antiguidade Clássica por clássicos e românticos. Os clássicos tinham como objetivo imitar a Antiguidade de forma a incorporar a vida de sua poesia; os românticos olham para a mitologia clássica de forma a tirar dela parâmetros para a construção de uma nova mitologia, que seja representante de sua época. Dessa forma, o que encontramos nas obras de Heinrich von Kleist, mais especificamente no ensaio *Über das Marionettentheater*, segue a linha romântica de tomar os clássicos não como modelo de imitação, mas como parâmetro para o desenvolvimento do eu, da singularidade que faz do escritor um gênio, que reflexiona sobre sua época. A arte antiga deve ser vista pelo romântico através da ideia de progresso.

Na peça *Penthesilea*, Kleist recria o mito do encontro entre a rainha amazona Penthesilea e o divino Aquiles, apresentando-nos personagens mitológicos carregados

¹ Mestre em Estudos Literários. Doutoranda em Estudos Literários na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Bolsista CAPES. Email: carinazs@hotmail.com

Silva, C. Z. – A beleza e o grotesco

do espírito da época romântica, fragmentados no terrível desconcerto de sentimentos que os fazem perecer na alteridade, no transformar-se constantemente no outro eu. Publicada em 1807, a peça nos transporta para um ambiente dionisíaco que transgride a serenidade e a simplicidade nobre representada pelo classicismo: Kleist encontrou no mito, no olhar derradeiro de Penthesilea e na paixão repentina de Aquiles o que precisava para o desenrolar de uma tragédia que abarca o patológico, o amor doentio, e dispôs para nós uma das melhores tragédias em língua alemã. Ele procurou representar o mundo antigo e ao mesmo tempo deixar à mostra em seus personagens os sentimentos que afligem o homem moderno.

Assim, se o tema elegido por Kleist para a composição de sua peça é clássico, a configuração dada ao texto parte de uma visão inteiramente pessoal sobre o mito da rainha amazona, apagando a atitude clássica de comedimento e opacidade, para representar um ritual dionisíaco de autodestruição que nos é mostrado no palco pela exacerbação de sentimentos a que é jogada a heroína da peça. A unidade clássica é tomada de chofre por um turbilhão de sentimentos que são devidamente amparados pela ambientação criada por Kleist para a contextualização das ações dos personagens (Cf. LUKÁCS 2012). Cada ação que se dá no palco tem respaldo nesse mito recriado e ambientado de forma a possibilitar os diversos movimentos que oscilam entre a violência e a brandura, numa tentativa de síntese que procure abarcar na figura antitética da heroína Penthesilea a beleza proveniente da graça², mas também a sua caracterização grotesca, que realmente a transforma num animal em cena. A heroína é a verdadeira plasmação romântica entre o belo e o grotesco de que é constituído seu ser, ela é a representante da busca de uma síntese de elementos contrários que segundo Rosenfeld e Guinsburg (2005: 292) fez com que Kleist fosse um dos primeiros autores a redescobrir o dionisíaco e com ele celebrar um ritual antropofágico que colocou em evidência o aspecto grotesco que a arte romântica vem agora trazer aos olhos do público.

A heroína caminha pela peça na maior parte do tempo em estado de obumbrção, abandonando o consciente, motivada pela ideia fixa de conquistar Aquiles. Conscientemente ela não conseguiria abdicar do orgulho para se entregar ao amor. Esse estado onírico tipicamente romântico em que a heroína se deixa cair perpassa vários momentos da tragédia, mas se intensifica quando o horror final irá tomar conta da ação.

² Utilizo aqui o termo “graça” de acordo com a definição estética dada por Schiller em *Über Anmut und Würde*.

Silva, C. Z. – A beleza e o grotesco

Ela cria para si e para Aquiles um mundo ideal em que a guerra é a possibilidade de realizar um amor impossível, pois a realidade lhe impede, enquanto rainha das Amazonas, de subjugar-se a um guerreiro. Assim, percebe-se em Penthesilea uma perda de consciência gradativa, em que o ideal sonhado vai se sobrepondo à realidade que lhe parece estranha, até o ponto em que, em vista dessa realidade enganosa, o ideal toma as rédeas na condução da ação e faz com que os movimentos de Penthesilea sejam tomados pela fúria incontida de realizar o desejo presente no ideal.

Dessa forma, a caracterização dada à heroína inicialmente é completamente comedida e harmoniosa, “So voll Verstand und Wurd und Grazie” (KLEIST 2012: 103), dando à Penthesilea todos os atributos das heroínas tipicamente schillerianas. Porém, aos poucos, estes atributos são sobrepostos pela sua inclinação ao elemento grotesco, sendo enfocada a obstinação animal, instintiva, com que a heroína busca alcançar seu objetivo de conquistar Aquiles pela espada:

DIOMEDES.

[...]

So folgt, so so hungerheiss, die Wölfin nicht,
Durch Wälder, die der Schnee bedeckt, der Beute,
Die sich ihr Auge grimmig auserkor,
Als sie, durch unsre Schlachtreihn, dem Achill. (KLEIST 2012: 9)

A loba Penthesilea caça a sua presa, e essa obstinação alcançará a loucura em seu ápice. A violência que será empregada por Penthesilea já é reflexo das próprias palavras que são proferidas na descrição de suas ações pelos personagens da tragédia. Nelas é possível perceber a progressão de Penthesilea à loucura, que terá seu ápice com o ato antropofágico:

DER HAUPTMANN.

[...]

Drauf jetzt, gleich einer Rasenden, sieht man
Empor sie na des Felsens Wände klimmen,
Jetzt hier, in glühender Begier, jetzt DORT,
Unsinn'ger Hoffnung voll, auf diesem Weg
Die Beute, die im Garn liegt, zu erhaschen. (KLEIST 2012: 14)

Ela incorpora o instinto que ora parece de sobrevivência, ora se transforma num saciar de uma paixão incontrolável, que a levam a abocanhar justamente o lado esquerdo do peito de Aquiles. Impossibilitado de ser sentido, seu desejo de possuir o coração do

Silva, C. Z. – A beleza e o grotesco

herói é concretizado fisicamente; enquanto ela acreditava cobrir seu amor de beijos, na verdade estava engolindo-o:

PENTHESILEA.

So war es ein Versehen. Küsse, Bisse,
Das reimt sich, und wer recht von Herzen liebt,
Kann schon das eine für das andre greifen. (KLEIST 2012: 115)

Ao despertar do estado de sonho, Penthesilea não recorda o que aconteceu; é como se tudo não passasse de um sonho ruim. A consciência lhe clarifica a ação bizarra, a compreensão lhe faz enxergar o horrendo. Sua razão, dignidade e graça sucumbem e a tornam o espectro da violência e do instinto animal a que se submeteu. O sonambulismo, portanto, que se apodera de Penthesilea a faz perambular pelo real de forma impulsiva e intensa: todas as razões que a fizeram ir à Tróia confluem para essa paixão monomaniaca. Porém, o desprezo do consciente é parcial, pois se sente que a terrível consciência do mundo exterior lateja nesse estado onírico, ainda que esse resquício de consciência não seja suficiente para sufocar a paixão incutida na heroína pela possível vitória sobre um deus. Percebe-se que o movente de Penthesilea não se resume somente ao seu amor por Aquiles, mas também à sobreposição, com a vitória, ao famoso herói da guerra de Tróia.

Assim, o ritual antropofágico a faz consumir literalmente o objeto de seu amor e a transforma em uma figura grotesca que nada mais nos parece do que um dos animais que se serve do corpo de Aquiles. Para Penthesilea o seu movimento inconsciente está condizendo às suas intenções: ela queria cobrir-lhe de beijos, e o seu inconsciente lhe mostrava isso:

PENTHESILEA.

Wie manche, die am Hals des Freundes hängt,
Sagt wohl das Wort: sie lieb ihn, o so sehr,
Dass sie vor Liebe gleich ihn essen könnte;
Und hinterher, das Wort beprüft, die Närrin!
Gesättigt sein' zum Eke list sie schon.
Nun, du Geliebter, so verfuhr ich nicht.
Sieh her: als ich an deinem Halse hing,
Hab ich's wahrhaftig Wort für Wort getan;
Ich war nicht so verrückt, als es wohl schien. (KLEIST 2012: 116)

Silva, C. Z. – A beleza e o grotesco

Dessa forma, em *Penthesilea* vemos a beleza e pureza sendo aos poucos apagadas pelo grotesco que irá tomar conta de sua figura, até o ponto da chegada de sua animalidade completa. O contraste instaurado entre um estado e outro é evidente, e a graça é tornada a ponta do abismo a que a personagem cai em busca de satisfação.

A consciência da heroína significa sua perda de senso, o seu lançar no abismo da loucura, e é dessa forma que a ação de morder Aquiles representa nesse mundo ideal o cobrir de beijos.

Segundo Victor Hugo, o grotesco, enquanto “elemento de arte”, é a linha que separa a arte antiga da moderna, a literatura clássica da romântica, pois, unido ao belo, faz despertar a arte para um novo momento:

é da fecunda união do tipo grotesco com o tipo sublime que nasce o gênio moderno, tão complexo, tão variado nas suas formas, tão inesgotável nas suas criações, e nisto bem oposto à uniforme simplicidade do gênio antigo; mostremos que é daí que é preciso partir para estabelecer a radical e real diferença entre as duas literaturas. (HUGO 2007: 28)

A inserção do grotesco na arte, segundo Victor Hugo, torna esse elemento como um ponto de contraste para o sublime, uma forma de elevação do belo que o deixa mais perceptível, pois a contraposição do sublime com o próprio sublime não produz esse contraste: ele dá ao belo “uma coisa de mais puro, de mais sublime” (Cf. Hugo 2007: 34) justamente porque torna o belo mais evidente. Dessa forma, o grotesco mesclado ao belo está mais próximo da realidade, permeada de contradições, pois as ações do homem nessa realidade vão de um a outro naturalmente, sem que isto cause estranhamento. O homem moderno vive essa dualidade tão intensamente, que o belo e o grotesco se mesclam da forma mais natural possível.

Antecipando alguns passos dessas características, Kleist cria a sua *Penthesilea* de forma a permitir que confluem nela o belo e o grotesco de forma a provocar no espectador/leitor um sentimento sublime que abarca o terrível. É essa mescla de contrários que o drama aborda e põe em cena; é a realidade e todas as suas contradições mais absurdas que estão sendo encenadas. Enquanto no início da peça o grotesco em *Penthesilea* vem velado em sua graça, ao assumir totalmente o estado de inconsciência, o grotesco tomará conta da ação.

Penthesilea é o símbolo de inocência que se torna obscura em meio ao mundo caótico e que somente consegue encontrar o seu eu a partir do conhecimento que lhe

Silva, C. Z. – A beleza e o grotesco

possibilitará a morte. Retomando o *Über das Marionettentheater*, se, por um lado, este estado de inconsciência de Penthesilea equivale à inocência da marionete, que não tem consciência de seus movimentos, por outro pode ser entendido como um estado correspondente à consciência total do Deus, uma vez que esta lhe permite enxergar a impossibilidade de realização desse amor, a prevalência do orgulho de que é constituído o seu ser e do seu papel enquanto regente de uma sociedade de mulheres guerreiras. A ação de matar Aquiles é, dessa forma, o único meio de preservar a si mesma e aos que ela deve proteger. Somente a total consciência dessa realidade lhe permite a ação. A entrega ao estado animal comprova, portanto, a sua entrega real à humanidade que não lhe possibilita vivenciar a experiência amorosa. Assim, a volta à ordem necessita dessa ação e da posterior morte de Penthesilea: o excesso de orgulho e de amor desequilibraram a ordem natural que constituía a sociedade das Amazonas, portanto é preciso que Penthesilea e Aquiles sejam abatidos para o retorno ao “paraíso”.

À vista disso, a Penthesilea que sucumbe à dor após o reconhecimento de seu crime é metaforizada por Kleist a partir da figura do roble que é arrancado pelo furacão devido à sua frondosa copa:

Sie sank, weil sie zu stolz und kräftig blühte!
Die abgestorbne Eiche steht im Sturm,
Doch die gesunde stürzt er schmetternd nieder,
Weil er in ihre Krone greifen kann. (KLEIST 2012: 118)

O orgulho e o amor de Penthesilea ao excesso fizeram com que ela fosse derribada pela impossibilidade de conciliação entre o seu ideal e a realidade que teimava em desfazer seus sonhos. A dor sobrelevada acima dos limites é o mote para a derribada de Penthesilea aos abismos da loucura; a dor é sentida profundamente, ainda que a heroína tente se afastar dela através da inconsciência. A incompatibilidade entre homem e mundo encontra na morte a única possibilidade de unificação do amor que a realidade impede; a morte de Penthesilea é símbolo para essa compreensão de que a realidade nunca lhe será compatível.

Dessa forma, é interessante a inserção de um vocabulário que nos mostra uma estrutura paradoxal: quando Aquiles chama Penthesilea de “Halb Furie, halb Grazie.” (KLEIST 2012: 94) há uma conversão sintagmática incomum, contraditória em seu cerne, pois une duas instâncias que se opõem; enquanto as Fúrias (ou Erínias) são

Silva, C. Z. – A beleza e o grotesco

dotadas de um aspecto horrendo, deusas da vingança encarregadas de punir os crimes cometidos pelos humanos, as Graças (ou Cárites) são as divindades do encanto, que acompanham a deusa Afrodite, a deusa da beleza. A aproximação entre dois grupos de divindades tão distantes faz com que a caracterização de Penthesilea penda para a união de opostos que cria uma figura única. Bem e mal, fúrias e graças, o belo e o grotesco habitam nesta heroína de forma a amalgamar uma forma de teatro que não mais se baseará na grandeza de atos morais para despertar o sentimento sublime. Este sentimento é agora despertado pelo horror, pelo ato que choca o espectador não pela grandeza bela de suas ações, mas pelo terror, que provoca medo, espanto. O sentimento de impotência diante da fúria e da graça de Penthesilea é despertado por essa incompreensão da imaginação diante de uma situação que ela não consegue abarcar devido à sua grandiosidade, relegando à razão uma busca por conceitos que não conseguirão tornar racional aquela representação. Da prevalência da razão acima de qualquer instância sensível surge uma mescla de prazer e desprazer que configuram o sentimento sublime diante do ato terrível de Penthesilea.

Referências bibliográficas

- GUINSBURG, Jacob; ROSENFELD, Anatol. Um encerramento. In: Guinsburg, J. (Ed.) *O romantismo*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 275-294 (Stylus, 3).
- HUGO, Victor. *Do grotesco e do sublime*. Tradução do prefácio de Cromwell. Tradução e notas de Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- KLEIST, Heinrich von. *Penthesilea*. Stuttgart: Reclam, 2012.
- LUKÁCS, György. A tragédia de Heinrich von Kleist. Tradução de Manoela Hoffman Oliveira. *Idéias*, Campinas, n. 5, p. 234-270, 2012.